



## O COMPONENTE CURRICULAR HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NA PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO SENSU EM EDUCAÇÃO: CAMINHOS PARA A FORMAÇÃO DE PROFESSORES

Francisco Alisson de Sousa Martins<sup>1</sup>, Antonia Dalva França-Carvalho<sup>2</sup>, Larissa Mychelle Dourado Campos<sup>3</sup>



<https://doi.org/10.36557/2009-3578.2025v11n2p643-658>

Artigo recebido em 18 de Junho e publicado em 18 de Julho de 2025

### ARTIGO DE REVISÃO

#### RESUMO

Esse estudo tem como escopo refletir sobre o componente curricular História da Educação como fundamento para a formação de professores. O objeto analisado problematiza-se pela seguinte questão norteadora: como o componente curricular de história da educação contribui para a formação de professores na Pós-graduação *stricto sensu*? O objetivo é analisar a importância da compreensão do componente curricular de História e Memória da Educação, na formação de professores na Pós-graduação. Trata-se de uma investigação de abordagem qualitativa, sendo realizada uma pesquisa bibliográfica e documental, de natureza exploratória (Gil, 2002; Minayo, 2002). A técnica de coleta de dados foi realizada por análise bibliográfica e de documentos. Os resultados apontam que a História da Educação é um componente curricular que abre caminhos para formação do professor, que percorreu longos anos antes de tornar-se um campo de pesquisa, bem como, o seu reconhecimento como ciência social. Portanto, a temática está, diretamente vinculada à formação de professores no cenário da Pós-graduação *stricto sensu*, pois não se pode apagar as experiências e memórias do passado pelo dito “novo”, o qual se percebe pela liquidez da contemporaneidade e que afeta a pesquisa em educação.

**Palavras-chave:** História da educação; Formação de professores; Pós-graduação *Stricto sensu*.



# THE HISTORY OF EDUCATION CURRICULAR COMPONENT IN STRICTO SENSU POSTGRADUATE COURSES IN EDUCATION: PATHS FOR TEACHER TRAINING

## ABSTRACT

This study aims to reflect on the History of Education curricular component as a foundation for teacher training. The object of analysis is problematized by the following guiding question: How does the History of Education curricular component contribute to teacher training in stricto sensu graduate programs? The objective is to analyze the importance of understanding the History and Memory of Education curricular component in graduate teacher training. This is a qualitative investigation, using exploratory bibliographic and documentary research (Gil, 2002; Minayo, 2002). Data collection was performed through bibliographic and document analysis. The results indicate that History of Education is a curricular component that opens up pathways for teacher training, having evolved for many years before becoming a field of research and being recognized as a social science. Therefore, the theme is directly linked to teacher training in the stricto sensu postgraduate context, as experiences and memories of the past cannot be erased by the so-called “new”, which is perceived through the liquidity of contemporaneity and which affects research in education.

**Keywords:** History of education; Teacher training; Stricto sensu postgraduate studies.

**Instituição afiliada** – UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ<sup>1</sup>, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ<sup>2</sup>, UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ<sup>3</sup>

**Autor correspondente:** Francisco Alisson de Sousa Martins [alissonmartinsfs@gmail.com](mailto:alissonmartinsfs@gmail.com)

This work is licensed under a [Creative Commons Attribution 4.0 International License](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).





## INTRODUÇÃO

A Educação é à base do pensamento humano. Nesse sentido, a compreensão do processo de ensino e aprendizagem, das ciências, dos métodos e técnicas de ensino, bem como o processo sócio-histórico envolvido na prática educativa, torna-se foco dos estudos para a compreensão da vida e da historicidade do conhecimento.

Na perspectiva de apontar a educação como prática do pensamento humano e fonte de conhecimento, reitera-se a história e memória evidenciada no processo de ensino e aprendizagem. Assim, aponta-se a história e memória da educação como uma ciência social que busca analisar a função da memória nos estudos históricos da educação.

Outro aspecto da educação que possui relação com a história é a formação do docente. A formação de professores evidencia a importância dos conhecimentos da prática docente a fim de sistematizar o fazer professoral, bem como, aperfeiçoá-lo. Para isso, é necessário observar o percurso educativo nos ambientes educacionais.

Por isso, surgiu a seguinte questão norteadora: Como o componente curricular de História da Educação colabora na formação de professores na Pós-graduação *stricto sensu*? O objetivo geral do estudo consiste em analisar a importância da compreensão do componente curricular de História da Educação, na formação de professores na Pós-graduação. Para isso, o percurso metodológico adotado foi a pesquisa bibliográfica/documental, com abordagem qualitativa e de natureza exploratória (Gil, 2010).

Depreende-se que este estudo é relevante por sua abordagem e se faz necessário pelo fato de que a formação de professores é uma vertente que visa a aprendizagem contínua. No entanto, é necessário de fundamentos de âmbito historiográfico para que haja a consolidação nos estudos na Pós-graduação *stricto sensu*.

## METODOLOGIA

Este trabalho está fundamentado em Minayo (2002, p. 21-22), pois compreende que a pesquisa qualitativa trabalha com “o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações,



dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis”. Diante disso, foi possível compreender a importância do componente curricular para formação docente.

Este estudo se caracteriza, também, como do exploratório. Sampieri *et al* (2006) consideram que as pesquisas exploratórias visam examinar um tema pouco estudado, buscando aprofundar as propriedades e características do fenômeno analisado. Assim, aprofundamos o objeto desta pesquisa.

Para embasar tais discussões, foi realizada uma pesquisa bibliográfica em livros, artigos de periódicos e documentos disponíveis na *Internet*, que fundamentaram os escritos aqui contidos. Além disso, os documentos analisados, tais como pareceres, normativas e matrizes curriculares são embasados na perspectiva de Gil (2002), onde aponta-se que a pesquisa documental tem muita semelhança com pesquisa bibliográfica, sendo que a diferença entre ambas reside na natureza das fontes, pois enquanto a pesquisa bibliográfica se utiliza fundamentalmente das contribuições dos diversos autores sobre determinado tema, a documental vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento.

Os dados foram tratados e interpretados à luz da análise de conteúdo proposta por Bardin (2011), que exprime que este método já era empregado desde tempos imemoriais quando o homem tentava interpretar as escrituras sagradas e apresenta três fases principais: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, inferência e interpretação, as quais são compreendidas na análise em discussão.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

### A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO COMO CIÊNCIA SOCIAL

Desde a compreensão das práticas de ensino à observação das experiências exitosas dentro da sala de aula, a História da Educação visa construir um elo entre passado, presente e futuro a fim de tornar a educação uma ciência social e passível de inferências dentro da dimensão da pesquisa em educação.

Em tela, a visão de Fernandes *et al* (2023) evidenciam que a História da Educação se revela como um campo de divisa, uma vez que contempla objetos e temas da



Educação, ao passo que é conduzido pelas teorias e métodos advindos da História. Da junção dessas duas relevantes áreas, emergem múltiplas possibilidades de trabalho para o historiador da educação.

A escrita da história da educação sofreu, ao longo dos tempos, alterações que decorreram das mudanças que o próprio modo de produzir o conhecimento histórico em geral vivenciou. A consequência mais visível de tal procedimento foi o surgimento de uma historiografia, entendida aqui como o produto/conhecimento gerado pelo trabalho dos historiadores, que é marcada pelos temas dos quais se ocupa, pelas fontes de que se utiliza e pelo método de pesquisa aplicado (Sanfelice, 2016).

Podemos reconstruir a cultura e o contexto social mais amplo, em que viveram diversos personagens do passado e como vivem, ainda hoje, os cidadãos considerados comuns, suas múltiplas práticas, visões e falas, reconstruindo, através desses próprios sujeitos, o elo entre os acontecimentos e significados das práticas cotidianas de existência. Especificamente, perceber a história e memória como ciência, a importância destas na formação de professores e o alinhamento entre história e memória em face da formação docente (Machado, 2006).

Com base nos estudos de Sanfelice (2016), embora a história da educação construída na academia seja um campo mais recente dentro do universo historiográfico, ela não ficou imune às transformações gerais. Desde quando se erigiu a ciência da história, com seu descolamento gradativo da especulação filosófica, ela se organizou em torno de grandes temas resultantes da própria realidade social. Assim, se fez a história política, a história econômica, a história das religiões, a história do direito, a história social, a história da educação, a história militar e etc.

Confirmando a visão dos autores e demais visões expostas na literatura, Burke (1993) infere que a história positivista considera científico um método indutivo fundado no empirismo absoluto. No caso da História, o fato histórico substitui as experiências. Como os fatos falam por si próprios, basta sua reconstituição; infelizmente, para o historiador positivista, a observação direta dos fatos é impossível, o que se opõe à reconstituição do que realmente se passou.

Ainda assim, para evidenciar a cientificidade da história da educação Burguière (1993) cita que a objetividade científica permanece possível, já que o historiador possui técnicas para reencontrar o traço dos fatos. Com a ajuda dos métodos de crítica textual,



o historiador critica os documentos cujo testemunho permite a redescoberta dos fatos históricos.

Acerca das produções em história da educação, Sanfelice (2016) exprime que o campo de investigação que a tem constituído é bastante abrangente: políticas educacionais de Estados e governos, legislação educacional de todos os níveis, sistemas nacionais de educação, formação de docentes, ideias pedagógicas, metodologias de ensino, história de instituições escolares, biografias de educadores, a educação na e pela imprensa, os movimentos sociais e a educação, as entidades estudantis, a educação de gêneros, a educação das minorias (inclusão x exclusão), as políticas educacionais alternativas, a formação das profissões, os acordos educacionais das Agências (ONU, UNESCO, Banco Mundial e outras) com os Estados, o financiamento e mais uma grande infinidade difícil de ser arrolada.

Para a atividade dentro da história, sobretudo na história e memória da educação, Hobsbawm (2002) aponta para o século XXI que os jovens historiadores necessitam que sua atenção seja dirigida nos dias de hoje para a interpretação materialista da história tanto quanto, ou talvez até mais, na época em que ela era condenada como propaganda totalitária, pois, até mesmo as modas acadêmicas igualmente a desprezam. Afinal, buscavam convencer as pessoas durante mais de meio século de que a história marxista tem mais substância do que imaginam, e se a associação do nome de historiador a ela ajuda nesse trabalho, tanto melhor.

O campo científico da História da Educação, bem como, da memória, pode ser incitado pelo ideário de campo/ciência proposto por Bourdieu (1983), onde o define como um espaço social como outro qualquer, cheio de relações de força e disputas, que visam beneficiar interesses específicos dos participantes deste campo. Deste ponto de vista, a capacidade de “produzir ciência”, por parte de um determinado indivíduo, está agregada a certo poder social. Assim, os pesquisadores estão vinculados a um campo científico, em que exercem seu trabalho e suas escolhas científicas, formando uma comunidade, onde valores, crenças e práticas comuns são compartilhados.

Le Goff (2003), diz que a memória é o objeto principal no trabalho com as fontes orais, pois o estudo é recuperado por intermédio da memória das testemunhas. Os estudos da memória são fundamentais para conduzir às reflexões, o que traz desdobramentos teóricos e metodológicos importantes.



Nora (1993) cita que a memória é um fenômeno sempre atual, um elo vivido no eterno presente; a história, uma representação do passado. Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam: ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas, sensível a todas as transferências, cenas, censuras ou projeções. A história, porque operação intelectual e laicizante, demanda análise e discursos críticos. A memória instala a lembrança no sagrado, a história a liberta e a torna sempre prosaica.

É inegável o valor da memória para o entendimento da História nas novas perspectivas do estudo como ciência em construção, pois “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (Le Goff, 1990; Bittencourt, 2003).

Entre a história e a memória, Bosi (2003) elenca que a memória dos velhos pode ser trabalhada como um mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermediário informal da cultura, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido político etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdo, de atitudes, enfim, os constituintes da cultura.

Ainda na perspectiva da História e Memória da Educação, depreende-se que o caráter individual e coletivo é levado em consideração, sobretudo na memória. Tal afirmação, é incitada por Félix (1998) quando conclui que esta dimensão social da memória e da identidade explica também por que não podemos considerar identidade como um dado pronto, um produto social acabado; ao contrário, a identidade tem que ser percebida, captada e construída e em permanente transformação, isto é, enquanto processo. Logo, a identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo.

Para Pollak (1989), existe uma memória estruturada com suas hierarquias e classificações, uma memória também que define o que é comum a um grupo e o que o diferencia dos outros. Neste sentido, os professores sentem na sala de aula o distanciamento dos grupos que se identificam como os “iguais”.

## **A COMPREENSÃO DO COMPONENTE CURRICULAR NA FORMAÇÃO DE PROFESSORES**

Com vista nos estudos de Vidal e Faria Filho (2003), a partir do final dos anos



1960 e início dos 1970, com o surgimento dos Programas de Pós-Graduação em Educação no país, a exemplo da Pontifícia Universidade Católica (PUC)-Rio, em 1965, e da PUC-SP, em 1969, e dos anos 1980, com a criação do Grupo de Trabalho “História da Educação” da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), em 1984, e do Grupo de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil” (HISTEDBR), em 1986, cresceu, consideravelmente, a produção de trabalhos em História da Educação no Brasil.

Monarcha (2007) concebe em conformidade com os estudos de Vidal e Faria Filho (2003) apresenta-se resultados de estudos que foram realizados sobre a constituição e institucionalização da História da Educação como domínio do conhecimento disciplinar. No Brasil, a prática de interpretar e reinterpretar o passado, se intensificou nos anos 1930, aprofundando-se com isso, a institucionalização dos “estudos brasileiros” e/ou “estudos sociais”, conforme a terminologia da época.

Neste sentido, entre os anos 1930 a 1950, houve um esforço em oferecer visibilidade e sentido à História da Educação brasileira na Colônia, Império e República. Com isso, foram instituídos conteúdos de História da Educação geral e do Brasil, nos currículos acadêmicos das Escolas Normais, Institutos de Educação e Faculdades de Filosofia, contando com manuais didáticos para o ensino dessa matéria (Vidal; Faria Filho, 2003).

O processo de Pós-graduação nesta ciência da educação, alavancou, após os anos 1970, uma ampliação do campo, tendo contribuído para isso: a criação do Grupo de Trabalho (GT) História da Educação, na Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), em 1984; a disseminação de grupos de pesquisa vinculados ao Grupo de Estudos e Pesquisas História, Sociedade e Educação no Brasil (HISTEDBR), coordenado por Dermeval Saviani, desde 1986; a fundação da Associação Sul Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação (ASPHE) (1995); a fundação da Sociedade Brasileira de História da Educação (SBHE), em 1999; a constituição de grupos de pesquisas nos Programas de Pós-Graduação e centros de memória da educação em vários estados brasileiros; a publicação de periódicos, tais como, Revista História da Educação, (ASPHE/1996), Cadernos de História da Educação (UFU-Uberlândia/2002), Revista eletrônica da HISTEDBR (2000); a Revista Brasileira de História da Educação da SBHE/2001, a realização de inúmeros congressos, nacionais e



internacionais; e a publicação de livros e coleções.

A história da formação de professores no Brasil compreende um misto de discrepâncias entre o instituído e o executado na prática. A identidade de quem deveria ou poderia lecionar se insere no âmbito de ausência de políticas públicas e tentativas de formação do professorado, de forma fragmentada e incompleta (Santos; Ferro, 2023).

Luchese (2017) ao discutir sobre a História da Educação como campo, reitera que esse componente curricular, tradicionalmente ligada aos cursos de formação de professores, em nível médio e superior, em diferentes países, tem diminuído quer seja em relação à carga horária, ou quanto ao número de disciplinas ministradas. Em muitos países, a História da Educação, tem procurado justificar-se para manter-se nos cursos, pois outros campos considerados mais úteis ao fazer docente, tem ocupado espaço dentro do currículo. Isso ocorre com todas as demais disciplinas denominadas “fundamentos da educação”.

Tendo em vista as ideias de Men e Neves (2009), pode-se concluir que o campo da História da Educação é uma “massa” heterogênea, ou melhor, não há um discurso homogêneo sobre os procedimentos técnicos, metodológicos e teóricos, comumente utilizados pelo pesquisador em seu ofício. O próprio pensamento dos intelectuais não estava definido ou “congelado”, mas, em constante movimento, sendo construído e reconstruído, a todo o momento.

Perante os estudos de Fernandes *et al* (2023), infere-se que o conteúdo de História da Educação, contribui teórica e metodologicamente para a formação de futuros professores, ao mesmo tempo, que fortalece a constituição da História da Educação como campo. Assim, tal afirmação é ratificada por Nóvoa (1996), quando apresenta o professor com a função de historiador, assim fazendo-o percorrer a História da Educação. Desta forma, o autor afirma que o mínimo que se exige de um historiador é que seja capaz de refletir sobre a história da sua disciplina, de interrogar os sentidos vários do trabalho histórico, de compreender as razões que conduziram à profissionalização do seu campo acadêmico (Nóvoa, 1996). Portanto, espera-se de um educador que este seja capaz de sentir os desafios do tempo presente, de pensar a sua ação nas continuidades e mudanças do trabalho pedagógico, de participar criticamente na construção de uma escola mais atenta às realidades dos diversos grupos sociais.

Fernandes *et al* (2023), também aponta que é o professor que leciona a disciplina



de História da Educação deve ser pesquisador, investigador, reflexivo e crítico, que contextualiza os conteúdos ministrados, provoca, questiona e diverge. É urgente estabelecer o nosso processo identitário, nossa relação de pertença com o campo da História da Educação e para tal, as associações, os eventos, os periódicos e os grupos de pesquisa, são essenciais nessa relação. Outro aspecto fundamental, é ampliar a nossa presença nas redes e espaços de discussão científica.

### **A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO EM FACE DA FORMAÇÃO DOCENTE DA PÓS GRADUAÇÃO STRICTO SENSU**

Mediante os estudos sobre a implantação da Pós-graduação no Brasil, já era nítido a necessidade formativa dos professores, bem como, os problemas históricos evidenciados na educação brasileira. Tais afirmações são evidenciadas pelos estudos de Santana (2024), onde a autora traz relatos de Dermeval Saviani e demais autores que, direta ou indiretamente, contribuíram para o aperfeiçoamento e expansão dos programas de Pós-graduação no Brasil.

Em consonância com tais ideias, a autora expõe que o processo de institucionalização da Pós-graduação no Brasil teve início com o parecer do Conselho Federal de Educação-CFE n. 977, de 3 de dezembro de 1965, de autoria do conselheiro Newton Sucupira. No entanto, esse parecer Sucupira apenas conceituou a Pós-Graduação limitando-se à modalidade “*stricto sensu*”, que foi estruturada em dois níveis, o mestrado e o doutorado sem que o primeiro fosse condição para o segundo (Brasil, 1965). Ou seja, o mestrado poderia ser considerado um nível terminal, sem a necessidade de prosseguir em nível de doutorado, assim como seria possível a matrícula no doutorado sem a necessidade de se ter cursado previamente o mestrado.

É pertinente destacar que, a Pós-graduação é também berço da pesquisa científica. Por essa razão, muitos estudantes buscam neste espaço sua constituição enquanto pesquisadores, outros por sua vez, almejam à docência e, ainda, há um terceiro cenário: pesquisadores que passam a atuar como professores na medida em que o campo da pesquisa não abre espaços de atuação profissional descartando, muitas vezes, a possibilidade de formar um professor/pesquisador unificado no mesmo sujeito (Junior; Stefanello; Aparecido Vieira, 2021).



Junior, Stefanello e Aparecido Vieira (2021) reafirmam as colocações de Pachane (2009) a fim de explicar as discrepâncias entre a formação do professor da educação superior e, também, pesquisador. Esta visão fica clara na concepção de Pachane (2009), quando apresenta que não somente no Brasil, mas em todo mundo, a formação do professor que atua no ensino superior se restringe ao conhecimento aprofundado da disciplina a ser ensinada, sendo esse conhecimento prático - decorrente do exercício profissional - ou teórico/epistemológico - proveniente do ensino acadêmico, dando a impressão que mais uma vez, o sujeito é dividido, ou é uma coisa ou outra, não existindo em sua constituição um ponto comum ou de equilíbrio, entre o profissional e o professor.

Junior, Stefanello e Aparecido Vieira (2021) também problematizam a formação do professor universitário bem como, pesquisador ao propor questões como a tríade ensino, pesquisa e extensão aliada ao fazer pedagógico. Os autores falam que a docência universitária, mesmo com a ampliação do ensino superior, ainda é um dos grandes desafios das universidades. O fazer pedagógico inclui o planejamento das aulas dentro de cada componente curricular, a organização da sala de aula, conhecer o projeto institucional entre outros elementos. Além disso, os três pilares: ensino, pesquisa e extensão demandam indissociabilidade. Por isso, a conexão entre componentes curriculares, projetos de pesquisa e intervenção para a pesquisa social, não são uma incumbência exclusiva de um componente curricular, mas requer a utilização da diversidade metodológica.

Daros e Daniel (2008) pontuam que a formação de professores tem sido um dos objetos de pesquisa mais investigados e debatidos nas últimas décadas, em virtude das transformações no cenário educacional brasileiro. Anteriormente, cita-se todo o percurso de consolidação da história da educação como ciência social ou campo da ciência. Assim, nos Programas de Pós-graduação do Brasil e no mundo, percebe-se a força dos grupos de pesquisa e das organizações que enfatizam esta vertente da educação.

Neste viés, pode-se estruturar mecanismos que ratificam a ciência em questão, um aspecto importante na formação do pós graduando em educação, sobretudo entre professores. Pois fica claro que o discurso, a prática educativa/docente é aperfeiçoada pelos relatos, trocas de experiências, vivências, conhecimento de mundo e os



conhecimentos adquiridos ao longo da própria vida e como aluno nas diferentes modalidades de ensino. Portanto, estas informações são corroboradas pela perspectiva de Lopes e Galvão (2010), que enfatizam que tais relatos superam a partir da perspectiva de alguém que se surpreende, se emociona ou se choca com os costumes, o modo de falar e agir, além dos ambientes domésticos e públicos. É claro que não são espelhos, não retratam a realidade vivida e nem mesmo a verdade, são meramente a expressão de emoção ou de preconceitos, imposições e interesses políticos.

Segundo Lopes *et al* (2020), a pesquisa é principalmente uma chance de interagir com as teorias geradas no campo, sejam elas fontes primárias ou secundárias, documentos orais ou escritos. Além da discussão proposta por outros estudiosos comprometidos e preocupados com o aprimoramento das práticas históricas no âmbito cultural, social, político, econômico e educacional. Ademais, Nora (1993) confirma essas inferências ao afirmar que a pesquisa, especialmente nos subtemas da história da educação é vista como uma problemática incompleta que se reconstrói do que já não existe mais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebe-se na literatura um percurso longo até a consolidação da História da Educação como componente curricular, pois teve que firmar enquanto objeto da ciência social, como também da educação, para depois ser inserida no currículo dos Programas de Pós-graduação *Stricto Sensu*. Prerrogativa este que caminhou a passos largos até ser exigido como parâmetro curricular.

No decorrer deste estudo, verifica-se um alinhamento entre história, formação de professores e a visão dos autores acerca da temática com a finalidade de compreender o caminho destas vertentes no ensino superior, sobretudo na formação, prática e compressão da historiografia da educação.

Nesta perspectiva, é necessário que alguns elementos estejam presentes no sujeito que se torna professor do ensino superior, e obviamente, entre eles estão às habilidades metodológicas e didáticas e a capacidade de compreender o processo de ensino-aprendizagem; pontos esses que, dificilmente o profissional do mundo do trabalho aprenderá por conta, no dia a dia da sala de aula. Por isso, há necessidade de se constituir professor a partir da formação. A formação do professor universitário não



pode simplesmente emergir do ato de improvisar, imitar ou apenas dominar conteúdos.

É notório que o componente curricular de História da Educação é relevante para a formação docente, a partir do momento que é caracterizado como um conhecimento autônomo, reconhecido e especializado. Por este motivo, integra-se ao currículo dos programas de Pós-Graduação em Educação numa perspectiva histórico-antropológica. Devido a gama de conhecimentos, é feito recorte temporal dos conteúdos de modo a contribuir com a formação de docentes críticos e reflexivos.

Portanto, este estudo não encerra as discussões sobre os objetos e temáticas correlatas apresentadas no decorrer do texto. Os campos da educação aqui apresentados carecem de estudos, cada vez mais amplos e que acompanhem a evolução da sociedade, sobretudo o pensamento humano e científico. Ainda assim, a vertente formação docente é ampla e necessita de parâmetros dentro das diversas sub áreas em que a educação se insere.

## REFERÊNCIAS

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BITTENCOURT, C. (org.). **O saber histórico na sala de aula**. São Paulo: Contexto, 2003.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social**. São Paulo: Ateliê, 2001.

BORGES, B. G.; JÚNIOR, D. G. O ensino de história da educação na formação de professores no Brasil atual. **Revista HISTEDBR On-Line**, v. 10, n. 40, p. 24-48, 2010.

BRASIL. Conselho de Ensino Superior. **Parecer nº 977/65**, aprovado em 3 dez. 1965. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br/centrais-de-conteudo/parecer-cesu-977-1965-pdf>. Acesso em: 18 jun. 2024.

BURGUIÈRE, A. (org.). **Dicionário das ciências históricas**. Rio de Janeiro; Imago Ed., 1993.

BURKE, P. **A escola dos ANNALES**. 1929-1989. A revolução francesa da historiografia. São Paulo; Edit. Universidade Estadual Paulista, 1991.

DAROS, M. D.; DANIEL, L. S. O Curso Normal em Santa Catarina: o processo de construção de um projeto de formação de professores coadunado com os ideais de nacionalização e 'cientificação' do ensino. In: ARAÚJO, J. C. S.; BUENO DE FREITAS, A. G.; LOPES, A. P. C. (Org.). **As Escolas Normais no Brasil: do Império à República**. Campinas: Alínea Editora, 2008. p. 249-262.



FARIA FILHO, L. M.; RODRIGUES, J. R. G. A história da educação programada: Uma aproximação da História da Educação ensinada nos cursos de Pedagogia em Belo Horizonte. **Revista Brasileira de História da Educação**. n. 6. jul./dez. p. 159-175, 2003.

FÉLIX, L. O. **História e Memória: a problemática da pesquisa**. Ediupef: Passo Fundo, 1998.

FERNANDES, A. N.O; FERNANDES, S.B; PAIVA, M. M. A história da educação como campo de pesquisa no Brasil: uma historiografia da educação brasileira. **Eccos – Revista Científica**, São Paulo, n. 64, p. 1-17, e22717, jan./mar. 2023.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas. 2002.

HOBBSAWM, E. **Tempos interessantes**. Uma vida no século XX. São Paulo; Companhia das Letras, 2002.

JUNIOR, M. L. J; STEFANELLO, F; APARECIDO VIEIRA, J. A pós-graduação stricto sensu do Brasil: espaço de formação de professores universitários. **Educação, Ciência e Cultura**, v. 26, n. 2, p. 01-13, 2021.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

LE GOFF, J. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão [et al]. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

LOPES, E. M. S. T; GALVÃO, A. M. O. **Território plural: a pesquisa em história da educação**. São Paulo: Ática, 2010.

LOPES, T. M. R; TORRES, M. N. B. F; MENEZES, I. B. S. História da formação de professores no Ceará: da escola normal aos ambientes virtuais de aprendizagem. **Rev. Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 3, e233724, 2020.

LUCHESE, T. A. In(ter)venções: a história da educação como campo disciplinar e de pesquisa. In: ALVES, L. A.; PINTASSILGO, J. (Coord.). **Investigar, intervir e preservar em História da Educação**. Porto, CITCEM – Centro de Investigação Transdisciplinar ‘Cultura, espaço e memória’ / HISTEDUP - Associação de História da Educação de Portugal, 2017, p. 113-130.

MACHADO, C. J. dos S. M. **Mulher e Educação: histórias, práticas e representações**. João Pessoa: UFPB, 2006.

MEN, L; NEVES, F. M. A construção do campo disciplinar da história da educação no Brasil (1970-1999). **SEMINÁRIO DE PESQUISA DO PPE**. Universidade Estadual de Maringá 08 e 09 de junho, 2009.

MINAYO, M. C. S. (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 21. ed. Rio de



Janeiro: Vozes, 2002.

MONARCHA, C. História da educação (brasileira): formação do campo, tendências e vertentes investigativas. **Revista História Da Educação**, v. 11, n. 21, p. 51–77. jan./abr. 2007

NORA, P. **Entre memória e história**: a problemática dos lugares. Projeto História. São Paulo: PUC, n. 10, p. 7-28, dez. 1993.

PACHANE, G. G. Formação de docentes universitários frente a um mundo em transformação. In: ISAIA, Silvia Maria de Aguiar, BOLZAN, Doris Pires de Vargas (orgs.). **Pedagogia Universitária e desenvolvimento profissional docente**. Porto Alegre: EdIPUCRS, p. 249-266. 2009.

POLLAK, M. **Memórias, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v. 2, n.3, 1989.

SANFELICE, J. L. A ciência da história e a história da educação. **Revista Exitus**, v. 6, n. 1, p. 151-159, 2016.

SANTANA, C. Narrativas docentes do PPGE-UNIMEP: reminiscências de formação em pesquisa e docência na pós-graduação. **Devir Educação**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. e-774, 2024. DOI: 10.30905/rde.v8i1.774.

SANTOS, J. M. C; FERRO, M. A. B. De leigas a normalistas: a formação de professoras no Delta do Rio Parnaíba (1980-1990). **Revista Profissão Docente**, v. 23, n. 48, p. 01-26, 2023.

SAMPIERI, R. H; COLLADO, C. F; LUCIO, M. P. B. Tipos de Pesquisa. In: SAMPIERI, Roberto Hernández; COLLADO, Carlos Fernández; LUCIO, María del Pilar Baptista. **Metodologia da pesquisa**. 3. ed. São Paulo: McGraw-Hill, 2006.

SAVIANI, D. **Educação: do senso comum à consciência filosófica**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 1991.

VIDAL, D. G; FARIA FILHO, L. M. História da Educação no Brasil: a constituição histórica do campo (1880-1970). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 23, n. 45, p. 37-70. 2003.